

Ele foi crítico literário, escritor, turfista, mas dedicou os últimos anos de sua v

Prudente de Moraes, neto Um Apóstolo da Liberdade

Texto de Ivan Alves

Q UEM entrasse, em fins de 1954, nas austeras dependências da Superintendência da Moeda e do Crédito, haveria de se surpreender, muitas vezes, com uma cena insólita: lá estava, de violão em punho, cantando seus sambas clássicos — **Se Você Jurar, Antonico e Para me Livrar do Mal**, entre outros —, o compositor Ismael Silva, uma das glórias da música popular brasileira. Diante dele, um homem aparentemente grave, que, logo após a derrubada do governo Vargas, João Café Filho fora buscar nos quadros do jornalismo para dirigir a Sumoc, então um dos órgãos mais criticados da administração pública federal: Prudente de Moraes, neto, que faleceu à semana passada, lúcido e resignado, aos 73 anos, no Rio de Janeiro. Há quatro meses, seus amigos mais íntimos já sabiam que não o teriam por muito tempo: no último sábado de agosto, sua mulher, Lucie Ribeiro Prudente de Moraes, telefonou pela manhã para o escritório do arquiteto Oscar Niemeyer, pedindo-lhe um encontro urgente — e sem a presença de Prudente. Tratava-se, em síntese, de conseguir com Niemeyer que seu irmão, o neurocirurgião Paulo Niemeyer, examinasse algumas radiografias operadas em São Paulo. No dia 7 de setembro, Prudente era internado e um grupo de velhos companheiros — Carlos Castello Branco, Pompeu de Souza, Oscar Niemeyer, Zuenir Carlos Ventura, Joaquim Pedro de Andrade, Ferreira Gullar e eu — ia visitá-lo para uma derradeira conversa descontraída. Ele contou, então, com a arte de sempre, casos pitorescos ocorridos em seu relacionamento humano, como o do **Julinho**, de transcrição impraticável. Prudente era, aliás, um incomparável colecionador e contador de história — histórias de Gastão Cruls, do **Eça** (um amigo fraterno de Oscar Niemeyer) e de vários companheiros de profissão, como Canuto Silva. Essas narrativas pitorescas não mais serão ouvidas da boca daquele homem que sempre se apresentava de chapéu, bengala, colete, pasta e horrendos suspensórios, só usados, ainda hoje, por Nelson Rodrigues e pelo ex-Senador Gilberto Marinho, que apesar de ter figurado nas listas dos homens mais elegantes do Brasil tinha essa afinidade **kitsch** com

Prudente. Aqueles papos com o Mestre, como o chamávamos (ou Urso de Bengala, apelido criado por Jaime Negreiros), tiveram os cenários mais diversos. Por ordem cronológica: a Colombo, na Rua 7 de setembro, onde, como lembrou Carlos Castello Branco em sua coluna, ele se reunia com o grupo do **Diário Carioca** e alguns artistas de teatro, como Mara Rúbia. Depois foram os tempos do Olímpico e da Westphalia, com chope e aguardente pura. Nesta época — os anos 50 e 60 — alguns de nós faziam certas restrições ao comportamento político do Mestre, mas sua grandeza humana superava tudo. “Ele é o último humanista deste país”, disse, uma vez, à saída de um almoço que lhe oferecemos, o jornalista Heráclio Sales.

Um descendente dos visigodos

Prudente de Moraes, neto — descendente de Teodoreto, quarto rei visigodo da Espanha, como indicava sua árvore genealógica, neto do primeiro presidente civil da República — era nos anos 50 e 60 não apenas o crítico ácido de Vargas e Kubitschek, mas também um ativo conspirador. Armava-se, então, uma contradição que, acreditávamos, em nenhum outro homem seria relevada: Prudente era, a um tempo, o porta-voz intolerante da maioria absoluta — artifício jurídico com que o golpismo elitista procurou evitar, em 1950 e 1955, as posses de Vargas e Kubitschek, candidatos legitimamente eleitos pelo povo — e o amigo dos ofendidos e humilhados. Quando, em 1962, circulou a informação de que os jornalistas que haviam participado de uma greve da categoria seriam demitidos, Prudente, que se opusera ao movimento, nos disse — a Mário da Silva Cunha, seu querido amigo, e a mim —, no Westphalia: “Se

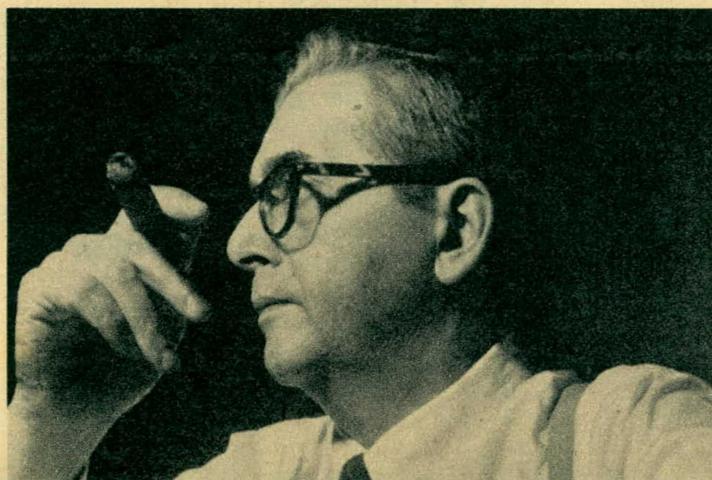
Prudente de Moraes, neto, em dois momentos de sua longa carreira jornalística: ao lado, nos tempos do Diário Carioca e, na foto maior, numa de suas últimas fotos, na ABI.

essas ameaças têm fundamento, vocês devem partir para nova greve. E contem comigo.” Era esse o Prudente que amávamos e admirávamos. Um Prudente que saíra dos quadros do Patrimônio Histórico, onde Gustavo Capanema reunira, sob a chefia de Rodrigo Mello Franco de Andrade, um dos mais expressivos grupos da história cultural deste país: Mário de Andrade, Lúcio Costa, Carlos Drummond de Andrade, Oscar Niemeyer, Luís Jardim, José Reis, Gilberto Freyre (sediado em Pernambuco) e ele, Prudente. Uma equipe a que se juntariam, pouco depois, com os projetos revolucionários do edifício do Ministério da Educação e da Pampulha, Cândido Portinari, Alfredo Ceschiatti e Celso Antônio. E, por fim, Emiliano Di Cavalcanti, o Di, a quem Prudente, talvez sem o saber, deu uma das últimas alegrias da vida: uma noite, numa de minhas idas costumeiras à casa de Di, este me disse, com os olhos brilhando de contentamento: “Sabe quem esteve aqui, fazendo consultas sobre o movimento modernista? O **Prudentinho**. Foi muito bom, bom mesmo.” Meses antes, quando passamos um sábado inteiro conversando, sozinhos, entrando pela madrugada de domingo, Di manifestara interesse em duas coisas: rever o historiador Nelson Werneck Sodré e Prudente. “O Prudente está ótimo”, comentou Di, numa referência à atuação do velho companheiro na presidência da Associação Brasileira de Imprensa. ABI — eis um marco e um **tournant** na vida de Prudente de Moraes, neto, carioca da Rua Aristides Lobo, pioneiro da crítica cinematográfica (que teve que abandonar, logo no início, num jornal de Assis Chateaubriand, por pressão das companhias cinematográficas), crítico literário (“a política nos roubou o nosso melhor crítico”, sustentava Heráclio Sales), jurista,

turfista, torcedor do Madureira Atlético Clube, por proselitismo de Jotaefegê, o paciente historiador do carnaval carioca, poeta bissexto (recentemente Joel Silveira acordou-o uma noite para lhe recitar o seu mais belo poema, **A Carroça**), sambista também bissexto (segundo o **expert** Sérgio Cabral, suas marchas-rancho e sambas são ótimos), amigo de toda a intelectualidade brasileira (de Portinari a Ceschiatti, de Mário de Andrade a Lúcio Costa, de Carlos Drummond de Andrade a Di Cavalcanti, de Luís Jardim a Oscar Niemeyer, de Carlos Castello Branco a Pedro Nava, de José Lins do Rego — cujos livros prefaciou, em suas primeiras edições, na José Olímpio — a Gastão Cruls, de Oswald de Andrade a Raul Bopp, de Raquel de Queirós ao nosso Raimundo Magalhães Júnior, de Sérgio Buarque de Holanda a seu filho Chico Buarque, de Odilo Costa, filho, a Joaquim Cardozo), Prudente de Moraes, neto, teve uma singular trajetória ideológica.

Com o modernismo e o anarquismo

Logo ao atingir, sob excessivos cuidados paternos (devido à morte prematura de uma irmã), a maioridade, Prudente sentiu-se fascinado por dois movimentos que nada tinham a haver entre si: o modernista, que o levaria à intimidade de Mário e Oswald de Andrade, de Alcântara Machado (que ele admirava profundamente e que foi um dos seus melhores amigos) e de outros pioneiros, e o movimento anarquista, ou anarco-sindicalista, o que lhe abriu as portas para a amizade com José Oiticica e Astrogildo Pereira, empreendendo com este último uma memorável correria pela Avenida Rio Branco, com a polícia atrás. As preocupações com a literatura, plantadas ainda no Colégio Pedro II — onde foi um dos mais brilhantes alunos do severo latinista José Acíoli —, acabaram por preponderar, levando-o à direção do Curso de Letras da malograda Universidade do Distrito Federal, criada pelo idealismo de Pedro Ernesto e Anísio Teixeira e com o apoio de um dos homens mais talentosos que este país já conheceu: o mais tarde Embaixador



MANCHETE

SBH
D4/27 P

ida exclusivamente à defesa intransigente dos direitos humanos



Edmundo da Luz Pinto. Já então ele editara a revista *Estética*, dedicada ao modernismo, com Sérgio Buarque de Holanda — a quem acompanhou quando o autor de *Raízes do Brasil* foi à casa dos Cesário Alvim pedir a mão de Dona Amelinha.

Uma rígida formação republicana

Foi nessa época, igualmente, que surgiu o pseudônimo que ele conservaria até o fim da vida: **Pedro Dantas**, originário de um engano em torno do nome da rua em que residia, em São Paulo, o arquiteto Grégori Warchazvski, filiado ao grupo de Mário de Andrade, Heitor Villa-Lobos e Graça Aranha. Apesar de ser uma fase de alta produção intelectual e de ampliação do saber — foi ali que aprender, por exemplo, o alemão e muitas vezes o ouvi declamar, no original, poemas inteiros de Schiller —, foi aquela também, uma fase de graves dificuldades financeiras que praticamente perdurariam até o início dos anos 60, quando ele assumiu, a convite de Antônio Galotti, um cargo de direção na Rio-Light. (E, mais uma vez, estavam ali alguns dos seus amigos e colegas do *Diário Carioca* e *Diário de Notícias*: Antônio Villas-Boas Correia, Odilo Costa, filho, Sérgio Cabral, Sérgio Noronha, Guilherme Figueiredo, Nílson Viana e eu, ao lado de Lopo Alegria, o dedicado assistente do Professor Roberto Lyra). Mas, entre a Universidade do Distrito Federal, o Patrimônio Histórico e a Censura Cinematográfica (ver **box** de Raimundo Magalhães Júnior) e a presidência da ABI muita coisa ocorreu, no plano político e cultural, na vida de Prudente. Por problemas ligados à sua rígida formação republicana (ele era o presidente regional do Partido Republicano, no Rio de Janeiro, por convite expresso do Senador Artur Bernardes Filho) e até por idiosincrasias, Prudente tornou-se um feroz opositor de Vargas e seus herdeiros — ou daqueles que lhe pareciam ser os remanescentes do varguismo. Uma atuação jornalística que contrastava, em sua violência, com a suavidade do trato pessoal do velho frequentador da noite carioca, amigo de Donga e Pixinguinha, e que perdia a noção das horas quando Sérgio Cabral e eu promovíamos algumas visitas insólitas a seu gabinete de Consultor-Geral da Rio-Light: Domingos da Guia, certamente o maior zagueiro do futebol brasileiro nas décadas de 30 e 40, Zé Kéti, Nélson Cavaquinho, Jorge Veiga e seu velho amigo Ismael Silva (que, segundo uma saborosa história que envolvia Augusto Frederico Schmidt, não queria trabalhar).

SEGUE
34C

Na presidência da ABL, Prudente deu nova dimensão à luta pela democracia

CONVERSÁVAMOS sobre futebol, samba e outras coisas e, por fim, quando nos retirávamos, Prudente, com sua letra miúda, escrevia seus terríveis artigos, que sua secretária, D. Diva Barata, datilografava sem erros. E, entre as conversas e a redação dos artigos, o café frio, sem açúcar ou adoçante, seguido de um cigarro barato — Samba, Show, General e outras marcas exóticas, compradas numa loja modesta, nas proximidades da Central do Brasil. Hábitos humildes, populares — todas as noites, nos tempos duros da redação, ele saía com Eliezer Sales para ir apanhar um ônibus para o subúrbio, no Passeio Público — que contrastavam com a hostilidade às reivindicações progressistas e democráticas. Mas tudo isso desaparecia diante da grandeza humana de Prudente — a mesma grandeza que o levou, mesmo numa fase de agudo golpismo e caça às bruxas pelo aparelho repressor, a sair em defesa do físico e crítico de arte Mário Schönberg, ameaçado de condenação na Justiça Militar. Lembro-me que, uma tarde, a poetisa Julieta Barbara Alkmin, então mulher de Schönberg, foi procurar o velho mestre em seu gabinete, na

Light, para interceder em favor do companheiro. Prudente movimentou-se e Schönberg, uma das glórias da cultura nacional, foi absolvido. E era permanente a sua preocupação, em 1964, e nos anos seguintes, com todos os amigos e colegas ameaçados. A mesma preocupação que tinha, por exemplo, em relação à família de Luís Paulistano, ex-chefe do **copydesk** do **Diário Carioca** e morto num desastre de helicóptero, no começo dos anos 60, com o então governador do Estado do Rio de Janeiro, Roberto Silveira. Paulistano integrou a equipe que introduziu o **lead** na imprensa brasileira. Uma equipe da qual Prudente jamais se desligou e em que figuravam, entre outros, J. E. de Macedo Soares (diretor), Pompeu de Sousa, Danton Jobim, Carlos Castello Branco, Amílcar de Castro, Nílson Lage, Nílson Viana, Jânio de Freitas, Armando Nogueira, Décio Vieira Otoni, Antônio Maria, Sérgio Porto, Paulinho Mendes Campos, Antônio Bento, Evandro Carlos de Andrade, Hélio Fernandes, Raimundo Sousa Dantas, Mister Eco, Mário Cunha, Lúcio Rangel, Otávio Bonfim, Paulo Francis, Deodato Maia, Everardo Guilhon, José Auto, Carlos Alberto

Tenório, José Ramos Tinhorão (Tinhorão, apelido dado por Pompeu e que José Ramos acabou incorporando), Jotaefegê e ele, Prudente. Uma equipe que fez uma revolução gráfica e de texto na imprensa brasileira. Nesta época, já desligado da literatura, morando num subúrbio distante, Prudente, a par de sua virulenta atividade como cronista parlamentar, iniciava um trabalho erudito sobre a origem da linguagem, de que Heráclio Sales e eu tivemos cópia, ainda que incompleta. O trabalho, fundado na gnosologia, a teoria do conhecimento, embarçou-se, a princípio, em certas teorias assimiladas por Prudente através da leitura de Bergson. Mas Prudente, homem extremamente lúcido, que evoluíra para outros estágios da filosofia — como a filosofia da matemática —, acabou por dar um encaminhamento não idealista ao seu trabalho (que as editoras brasileiras devem ter interesse em publicar, mesmo incompleto). **Folha Carioca, O Globo, Diário Carioca, Diário de Notícias**, sucursal de **O Estado de S. Paulo** (que dirigiu no Rio de Janeiro), eis o itinerário de Prudente na imprensa carioca, da

qual nem mesmo os altos cargos administrativos — superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional, direção da Sumoc e presidência do SESI (onde se negou a utilizar a verba pessoal de representação) — conseguiram afastá-lo em qualquer momento. E, por fim, a presidência da ABL, após um feliz evento pessoal: a descoberta, num cofre abandonado, de inúmeras ações do Banco do Brasil deixadas por seu avô e que liquidaram, definitivamente, com a assessoria de seu fraternal amigo e colega de escritório de advocacia, o Dr. Albert Dau, as suas dificuldades econômicas, agravadas pelo pagamento da dívida de um amigo, de que fora avalista. Na Associação Brasileira de Imprensa, Prudente tomou contato direto com as violações impostas à liberdade de expressão e com as violências praticadas contra numerosos profissionais de imprensa, o que o levou a defender, em alto escalão militares, alguns companheiros, como Fausto Guimarães-Cupertino, Maurício Azedo e outros mais, e a erguer sua voz contra a Censura. E esta foi a imagem que ficou para a história. Prudente, um dos articuladores do movimento de 1964, ao lado de Carlos Lacerda, Júlio de Mesquita Filho, Prado Kelly, Almirante Sílvio Heck, General Ademar de Queirós e Brigadeiro Burnier, entre outros, acabou rompendo com o regime que ajudara a construir, o que se verificou notadamente a partir da decretação do AI-5. Ele acreditava, com a mesma convicção com que lutara para derrubar Goulart, que o movimento de 1964 se extraviara de seu leito constitucional. E Prudente era um homem da lei, que, errado ou não, julgava ameaçado por Vargas e Goulart. “Não mudei. Estou onde sempre estive: ao lado da lei e da República”, disse-nos, uma noite, nas Canoas, residência de Oscar Niemeyer, no atalho de uma conversa com o historiador Nelson Werneck Sodré. Isso está presente em quase todas as atitudes tomadas por ele ao longo de sua vida e que encontraram sua expressão mais alta na presidência da ABL. Uma presidência que, por sua repercussão nacional em favor da restauração do Estado de Direito, foi acompanhada com particular alegria por seus amigos mais íntimos, como Sérgio Buarque de Holanda, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Vinícius de Moraes, Afonso Arinos, Odilo Costa, filho e Carlos Drummond de Andrade, o que levou este último a me dizer, num gesto de angústia, no velório do Mestre: “Como vamos substituí-lo?” Até porque, como lembraria pouco depois Sérgio Buarque de Holanda, é muito difícil morrer com dignidade nos dias de hoje. Como morreu Prudente.

Prudente: um censor contra a censura de filmes

FUI colega de Prudente de Moraes, neto, o nosso Pedro Dantas, não apenas no **Diário de Notícias**, mas ainda, muito antes disso, na Comissão de Censura Cinematográfica, do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, subordinado ao Ministério da Justiça. Nessa época, havia alguns censores permanentes e outros que faziam rodízios, nomeados temporariamente por designação dos ministros de três pastas: Relações Exteriores, incumbido de zelar para que os filmes não contivessem ofensas a nações com representação diplomática no Brasil; Ministério da Justiça, que se preocupava principalmente com os problemas de ordem interna; e, ainda, do Ministério da Educação e Cultura. O Ministério das Relações Exteriores, durante o meu período, foi representado principalmente por Perilo Gomes, um cônsul inteligente, de maneiras impecáveis e com vocação literária. Foi substituído, se não me engano, por Nemésio Dutra e este por Vinícius de Moraes, quando obteve posto no exterior. Prudente havia sido designado por Gustavo Capanema, o grande amigo dos artistas e dos escritores, cujo papel na cultura brasileira ainda está por ser devidamente apreciado. Do grupo faziam parte Moacir Deabreu, trazido de São Paulo por Vicente Rao, e Nazareth Prado, a companheira de Graça Aranha, nomeada pelo mesmo ministro da Justiça; Estela Guerra Du-

val, a grande benfeitora da Pro Matre; Maria do Nascimento Oliveira Pena, mais conhecida como dona Engraçadinha, alcinha que a acompanhava desde a infância; Ernesto Montojos e outros. Em sua maioria liberais, os censores algumas vezes provocaram protestos, por aprovarem filmes que alguns países julgavam ofensivos. O franquismo protestou contra filmes como **Bloqueio, O Último Trem de Madri** e, sobretudo, contra um em que Marlene Dietrich aparecia, **A Mulher e o Fantoche**, aprovado pela nossa censura, mas queimado pela Paramount, que não queria sofrer boicote na Espanha. Mas o grande **galho** foi mesmo o do filme **Depois (The Road Back)**, da Universal, sobre a derrota germânica ao fim da Primeira Grande Guerra. O filme foi submetido a uma turma da censura em 1939, sendo logo aprovado. Mas a Embaixada Alemã fazia grande pressão contra o filme e seus agentes convenceram o General Góis Monteiro de que se tratava de uma produção destinada a desmoralizar, não o militarismo germânico ou a guerra injusta, mas os exércitos, em geral, e o princípio da autoridade. Lourival Fontes, diretor do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, foi pressionado no sentido de submeter o filme a uma **revisão**, com a censura plena, pois fora aprovado apenas por uma de suas turmas. A revisão só era procedida quando um filme recebia restrições e a empresa

distribuidora não se conformava com a decisão. O precedente de uma revisão, sem que a empresa interessada a pedisse, foi uma surpresa para todos. E surpresa maior foi a presença de um oficial do Exército, Leony de Oliveira Machado, para ver o filme com os censores. Discreto, ele disse, de início, que só estava ali porque as altas autoridades militares estavam informadas de que o filme era “inconveniente” e queriam que ele o comprovasse. Vimos o filme, de novo. Era, aliás, excelente, muito fiel ao romance de Erich Maria Remarque, de que fora extraído. Depois, os censores deram seus votos. O oficial, que achava o filme “inconvenientíssimo”, se iluminou quando Dona Engraçadinha deu sua decisão: “Proíbo.” Mas murchou quando os outros se manifestaram por simples impropriedades para menores de pouca idade. O filme, embora aprovado, não foi exibido. O Ministério da Guerra interveio, vetando-o. E o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural foi transformado em DIP, nesse mesmo ano. Vários dos **culpados** perderam a função. A começar por Prudente, que tinha liderado a votação, dizendo em alto e bom som que considerava um disparate querer alguém esconder a verdade sobre a derrota alemã de 1918. Derrota que seria muito parecida com a de 1945. ● **R. Magalhães Júnior**

Posto de Escuta

Murilo Melo Filho



Ney

De janeiro a novembro deste ano, o Ministro **Ney Braga** concedeu audiências e participou de solenidades, num total de 3.575.

Foi, do atual Ministério, o titular que mais conversou com gente de todas as camadas, secundado apenas pelo ministro do Interior. Dos senadores e deputados, só não esteve com ele quem não quis. E foi o ministro que maior número de vezes compareceu ao Congresso, que recebeu maior número de governadores e só de estudantes recebeu 21 comissões.

■ É diante desse fácil acesso que todo mundo tem ao ministro da Educação que sua substituição constitui um problema para o atual governo. Sabe-se que o Sr. **Ney Braga** deixará o Ministério da Educação em maio, para desincompatibilizar-se a fim de assumir o governo do Paraná ou a vice-presidência da República.



Nobre

Os dois candidatos à liderança do MDB na Câmara estão em plena campanha. O Deputado **Freitas Nobre** está utilizando grande parte do atual

recesso para viajar pelos estados, a fim de garantir votos para sua recondução ao posto de líder. O Deputado **Tancredo Neves**, mais discreto, recebe no seu apartamento do Rio a visita de parlamentares emedebistas.

O discurso que o Presidente **Ernesto Geisel** pronunciou a 1.º de dezembro no Palácio da Alvorada começará a ser distribuído no início de janeiro. A Gráfica do Senado está terminando a impressão de 100 mil exemplares, sob encomenda do Diretório Nacional da Arena.



Boaventura

As especulações em torno do possível ministério do **General Figueiredo** nasceram no Rio. As primeiras informações foram dadas por importante figura do governo e, depois, checadas em Brasília. Embora sumido da Câmara, o Deputado **Sinval Boaventura** estava sabendo de tudo, antes mesmo da publicação pelo *Estado de S. Paulo*. Mas não disse nada a ninguém.

■ Quando março chegar, será apresentado um projeto no Congresso, que retira das Convenções Nacionais o direito de indicar candidatos à presidência da República. Às Convenções caberá apenas homologar o nome que lhe foi indicado pelo Diretório Nacional. Esta é a fórmula encontrada para afastar dos convencionais arenistas a candidatura do Senador **Magalhães Pinto**.



Pinheiro

O governo brasileiro em geral e o Itamarati em particular deram por encerrado o episódio em que o embaixador americano em Buenos Aires, Sr. **Raul Castro**, atribuiu ao Brasil a não subscrição do Tratado de Tlateloco, que determina a proscricção de experiências nucleares na América Latina. Chegou a haver inclusive a interferência do embaixador brasileiro em Washington, Sr. **João Batista Pinheiro**.

■ Do Senador **Virgílio Távora**, quando perguntado sobre sua candidatura a governador do Ceará: "Não me perguntem sobre o que não existe. Nunca fui ouvido ou cheirado sobre o assunto. Nem tem por que sê-lo. O presidente da República já disse que o assunto só deve ser tratado depois de janeiro. Antes disto, é perda de tempo. Precioso, aliás. Pt Saudações."



Delfim

No tradicional almoço de fim de ano, que o industrial **Horácio Coimbra** oferece ao Embaixador **Delfim Netto**, verificava-se a presença de três ministros de Estado — os Srs. **Mário Henrique Simonsen**, **João Paulo dos Reis Velloso** e **Ângelo Calmon de Sá** — além dos ex-Governadores **Laudo Natel**, **Lucas Garcez** e **Carvalho Pinto** e do Sr. **José Carlos Freire**, secretário-geral do Ministério da Fazenda, além de grande número de empresários.



Serpa

D. Leonor de Brito Serpa, mulher do novo General-de-Exército **José Maria de Andrada Serpa**, tem sido uma companheira leal e grande colaboradora do general, ao longo de toda a sua carreira de oficial do Exército. Quando o general foi comandante da 7.ª Região Militar em Recife, realizou inclusive grandes obras de assistência social.



Krieger

Está cabendo ao Senador **Daniel Krieger** realizar no momento uma tarefa assaz meritória: a de anistiar os parlamentares favoráveis à candidatura **Sylvio Frota** e reabsorvê-los no partido. Afinal de contas, eles nem chegaram a participar de uma batalha, que terminou não havendo. Em todas as sondagens, o senador gaúcho, que foi o primeiro presidente da Arena, tem sido particularmente feliz, sobretudo quando mostra aos frotistas que eles são tão ude-nistas quanto os demais correligionários.

■ O Senador **Alexandre Costa**, que foi o primeiro membro da bancada da Arena no Senado a se manifestar publicamente pela candidatura do **General Figueiredo**, está passando todo o atual recesso parlamentar no interior do Maranhão, fazendo política, mas sem dizer o que pretende. Seu nome está nas duas listas: de governador e de senador, por qualquer das vias, direta ou indireta.

■ Ventos de renovação na Arena do Ceará: o jovem **Cláudio Philomeno Gomes**, irmão do industrial **Sérgio Philomeno Gomes**, será candidato a deputado federal, pela Arena cearense, com integral apoio do Senador **Virgílio Távora**.

■ O *Projeto Brasil* vai ser apresentado em março. Tem 130 páginas. O seu autor, Senador **Teotônio Vilela**, vai entregá-lo, em primeiro lugar, ao Presidente **Geisel**. Depois, entrega-o à opinião pública para o debate.

■ O Sr. **Karlos Rischbieter**, presidente do Banco do Brasil, demonstrou sua vocação política ao debater com os deputados na Comissão de Agricultura da Câmara. Foram quatro horas de debates, sem um arranhão. Ao terminar, viu-se aplaudido de pé, por arenistas e emedebistas.

■ O Deputado **Flávio Marcílio** é o parlamentar que está sendo mais requisitado para integrar bancas examinadoras para concursos de Direito no país. Esteve recentemente em São Paulo e Pelotas e já tem outros convites. Vai procurar atender a todos, enquanto espera o tempo de disputar uma cadeira de senador pelo Ceará.